

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ



# COLUMNISTA UESPI

## ENSAIOS E ARTIGOS DE OPINIÃO

Sammara Jericó  
Valéria Soares  
(orgs)



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ • UESPI



**José Wellington Barroso de Araújo Dias** Governador do Estado  
**Maria Regina Sousa** Vice-governadora do Estado  
**Evandro Alberto de Sousa** Reitor  
**Rosineide Candeia de Araújo** Vice-Reitora  
**Nayana Pinheiro Machado de Freitas Coelho** Pró-Reitora de Ensino de Graduação  
**Gustavo Oliveira de Meira Gusmão** Pró-Reitor Adj. de Ensino de Graduação  
**Ailma do Nascimento Silva** Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação  
**Pedro Antônio Soares Júnior** Pró-Reitor de Administração  
**Geraldo Eduardo da Luz Júnior** Pró-Reitor Adj. de Administração  
**Raimundo Isídio de Sousa** Pró-Reitor de Planejamento e Finanças  
**Joseane de Carvalho Leão** Reitora Adj. de Planejamento e Finanças  
**Eliene Maria Viana de Figueirêdo Pierote** Pró-Reitora de Extensão, Assuntos Estudantis e Comunitários  
**Marcelo de Sousa Neto** Editor da Universidade Estadual do Piauí  
**Autores** Revisão  
**Leonardo Dias** Diagramação e design  
**Editora e Gráfica UESPI** e-book

C726 Colunista Uespi [recurso eletrônico]: ensaios e artigos de opinião / Sammara Jericó Alves Feitosa, Valéria Soares Oliveira, organizadoras – Teresina: FUESPI, 2022.  
E-book.

ISBN: 978-65-89616-27-6

1. Colunista. 2. Artigos de opinião. 3. Ensaio. I. Feitosa, Sammara Jericó Alves. II. Oliveira, Valéria Soares. III. Título.

CDD: 302.2

Ficha Catalográfica elaborada pelo Serviço de Catalogação da Universidade Estadual do Piauí - UESPI  
Nayla Kedma de Carvalho Santos (Bibliotecária) CRB 3ª Região / 1188

**Fundação Universidade Estadual do Piauí - FUESPI**  
UESPI (Campus Poeta Torquato Neto)  
Rua João Cabral • n. 2231 • Bairro Pirajá • Teresina-PI  
Todos os Direitos Reservados

# APRESENTAÇÃO

Ao longo do ano de 2021, a Assessoria de Comunicação contou com a parceria de docentes, da Universidade Estadual do Piauí, para redigir artigos de opinião e ensaios sobre temas de interesse social em diferentes áreas do saber no projeto Colunista UESPI. Nos trabalhos, discutiram-se temáticas centradas na economia, educação, tecnologia, clima, saúde, comunicação, agronegócio, literatura e história. Este E-book reúne as 11 edições que foram lançadas no site da UESPI desde março de 2021.

O primeiro artigo é o da professora Joseane Leão, do curso de Administração do campus Poeta Torquato Neto. Em seu texto, a docente destacou sobre O impasse no aumento dos combustíveis, explicando sobre a política de preços da Petrobrás.

O segundo colunista foi o professor Werton Costa, do curso de Geografia- Campus Clóvis Moura. A sua temática discorreu sobre Eventos Atmosféricos severos: perspectivas para educação para o risco. O professor alerta sobre a necessidade de prevenção para questões climáticas na esfera educacional.

A terceira temática Era do Caos; Adeus mundo Vuca, bem vindo mundo Bani foi tema do artigo da professora Vanessa Alencar, do curso de Administração – Campus Clóvis Moura. A docente pontua sobre as transformações sociais no mundo e nas pessoas.

A professora Sandra Marina Bezerra, do curso de Enfermagem- Campus Poeta Torquato Neto, homenageou os profissionais de enfermagem que trabalham na linha de frente ao combate a Covid-19 no quarto artigo.

A quinta colunista, a professora Samária Andrade, do curso de Jornalismo- Campus Poeta Torquato Neto, fez a Análise sobre mídia alternativa e as manifestações do dia 29 Maio. No texto, a docente debateu sobre a cobertura da imprensa em um dos maiores protestos contra o atual presidente do país.

O professor Robson Silva, do curso de Pedagogia Campos Poeta Torquato Neto, discorreu sobre o tema Gênero e Práticas Femininas: mulheres negras e capoeiristas de Teresina/PI. O sexto artigo reflete sobre a participação das mulheres na capoeira e da importância do feminismo negro.

O colunista da sétima edição foi o docente Dario Calçada, do curso de Computa-



ção- campus de Parnaíba. Ele trouxe para debate o tema: A Ciência dos Dados: revolução ou adaptação?. O professor aborda sobre a crescente demanda de dados na sociedade e transformações sociais em virtude disso, além de apresentar como as aplicações da ciência de dados são utilizadas em projetos desenvolvidos no GEDAI (Grupo de Estudo e Desenvolvimento de Aplicações Inteligentes) da universidade.

Na área do agronegócio, a professora Anarlete Ursulino, do curso de Agronomia- Campus Uruçuí, escreveu sobre Substratos alternativos como uma opção para o produtor rural. Na oitava coluna, ela apresenta a realidade utilizada atualmente na produção rural para redução de custos e melhorias no cultivo e colheita na região dos cerrados do Piauí.

A colunista da nona edição foi a professora Edilma Mendes, do curso de Pedagogia- Campus Corrente. O tema do artigo abordou o Ensino da leitura e escrita no processo de educação infantil. A docente defendeu como a educação infantil desempenha um papel importante na formação das crianças e como essa fase deve ser valorizada nas instituições escolares.

O professor do curso de letras Português- campus de Oeiras, Harlon Lacerda, escreveu sobre Docência em Literatura: da reflexão teórica desinteressada ao beco sem saída da militância. No décimo artigo, a reflexão é sobre posição da produção literária da América latina em relação à cultura eurocêntrica.

A décima primeira edição, que marca o encerramento do ciclo de artigos da primeira temporada do projeto Colunistas UESPI, foi com o texto do professor Gisvaldo Oliveira da Silva, do curso de História - campus de Floriano, sobre História Oral e Memória: aproximações e possibilidades no fazer historiográfico. No artigo, o docente aponta a relevância da construção da história com a utilização de mecanismos de pesquisa através da memória e a história oral.

O projeto Colunistas UESPI continua em 2022 para amplificar os estudos dos docentes da instituição e contribuir para a compreensão do mundo e da sociedade com base na ciência.

Desejamos uma boa leitura a todos!



# SUMÁRIO

**01**

O Impasse nos preços dos combustíveis

**02**

Eventos Atmosféricos Severos: perspectivas para educação para o risco

**03**

Era do Caos; Adeus mundo Vuca, bem-vindo mundo Bani

**04**

Homenagem aos profissionais da área na batalha contra a Covid-19

**05**

Ao vivo, do terreno onde cresce a comunicação alternativa Como a cobertura - e a ausência dela - das manifestações contra Bolsonaro (29M) ajudam a fomentar a mídia alternativa

**06**

Gênero e Práticas Femininas: mulheres negras e capoeiristas de Teresina/PI

**07**

A Ciência dos Dados: revolução ou adaptação?

**08**

Substratos alternativos como uma opção para o produtor rural

**09**

Ensino da leitura e escrita no processo de educação infantil

**10**

Docência em Literatura: da reflexão teórica desinteressada ao beco sem saída da militância

**11**

História Oral e Memória: aproximações e possibilidades no fazer historiográfico





## Joseane de Carvalho Leão

Graduada em Bacharelado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Piauí (1998) e Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (2006). Atualmente é Pró -Reitora Adjunta de Planejamento e Finanças e Professora dedicação exclusiva do curso de Administração da UESPI.

## IMPASSES SOBRE O AUMENTO DOS PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS



## IMPASSES SOBRE O AUMENTO DOS PREÇOS DOS COMBUSTÍVEIS

**C**om a economia do país passando por dificuldades nos últimos anos, situação que se agravou com a chegada da pandemia da covid-19, um tema tem ganhado atenção especial por parte dos brasileiros: os seguidos aumentos dos preços dos combustíveis desde o início de 2021. É uma dor de cabeça a mais em um contexto de dificuldades econômicas em que vivemos.

Pois bem, um primeiro esclarecimento que precisa ser feito se refere a essa flutuação constante. Trata-se, na verdade, do resultado de uma política que é adotada desde 2016, quando no governo de Michel Temer a Petrobras passou a adotar a prática da paridade Internacional de preços, que significa, de acordo com texto disponibilizado no site da Petrobras, que os preços para a gasolina e o diesel vendidos às distribuidoras tem como base o preço de paridade de importação, formado pelas cotações internacionais destes produtos mais os custos que importadores teriam, como transporte e taxas portuárias, por exemplo.

Em linhas gerais, isto significou que variações nos preços dos barris no mercado internacional e/ou variações cambiais do dólar deveriam ser repassadas diretamente ao

consumidor final. Importante ressaltar que essa flutuação às vezes favoreceu o consumidor porque em alguns momentos específicos isso significou redução de preços. No entanto, quando se observam os últimos anos a conclusão é que, sim, o preço variou para cima.

Pensando especificamente nas variações ocorridas nos últimos três meses, podemos elencar dois grandes motivos como fatores contribuintes: o aumento do preço do petróleo no mercado internacional e a alta do dólar. Em 2020, a pandemia e a necessidade urgente de paralisação das atividades econômicas promoveram a redução da demanda mundial com efeito imediato de queda no preço do Barril de petróleo. A princípio este fato poderia ser visto como favorável, mas diante da produção ficou excessiva e demanda reprimida, a OPEP resolveu reduzir a produção como forma de controlar a desvalorização. A partir daí, e com a retomada gradual das atividades, o valor do barril de petróleo começou a subir e, associado à valorização dólar, formou-se um cenário perfeito para elevação de preços. Como a nova política da Petrobras elimina atores intermediários que ajudam a definir preços, o consumidor sentiu, de forma direta, o efei-

to desta equação. Além disso, é importante ressaltar que o projeto de desinvestimento das refinarias, através de privatizações impacta, segundo especialistas no assunto, em aumento do custo dos combustíveis para as distribuidoras com consequente maior impacto para o consumidor final.

E como essa dinâmica de flutuação opera na formação de preços pela Petrobras? Como se sabe, a Petrobras é uma Sociedade de Economia Mista com controle majoritário da União. No entanto, a Petrobras tem acionistas que não estão muito interessados em abrir mão dessa flutuação em prol de ganhos privados. Como se diz por aí: é o mercado, são os negócios. Desde 2016, com esta nova orientação, não está no arco de possibilidades que a Petrobras atue para reduzir o impacto destas oscilações subsidiando preços para o consumidor final. Não podemos esquecer que a orientação política desde então tem-se guiado por princípios de não intervenção no mercado, e é somente isto o que a empresa tem feito.

Para além desse olhar mais global do processo de formação de preços, é necessário analisar, por dentro, para entendermos como o valor pago pelo consumidor final

é composto. Precisamos avaliar, dessa forma, quatro fatores: 1) Preços do produtor ou importador de gasolina, 2) Carga tributária, 3) Custo do etanol obrigatório na composição do produto da gasolina e 4) Margens de lucro da distribuição e revenda.

Os casos da gasolina e do diesel têm as suas particularidades, é preciso deixar claro. No entanto, em ambos a atuação da Petrobras tem um peso fundamental. O diesel, em razão da composição majoritária do petróleo na sua composição, é afetado mais diretamente pela oscilação dos mercados.

A influência da carga tributária nos preços praticados no Brasil não é novidade para ninguém e, assim, impostos como ICMS, PIS/Pasep e Cofins, e Cide) fazem uma diferença fundamental. A solução de redução destes impostos seria uma saída para a redução, mas não esqueçamos que o estado brasileiro, nos diversos níveis de poder, vive uma situação fiscal delicada e que se agravou em razão da pandemia e essa redução impactaria no orçamento para seguridade social, portanto na saúde, assistência e previdência. O Governo Federal, que dispõe da possibilidade de recorrer a outros fundos, vem ensaiando a redução de PIS/PASEP, Cofins e CIDE. Os governos estaduais, por sua vez, premidos pela situação fiscal tem menor margem de manobra para abrir mão de parte da arrecadação com o ICMS. Por-

tanto, do ponto de vista tributário, como vemos, a equação não se apresenta tão fácil como se quer fazer crer nos discursos proferidos atualmente.

Há, ainda, o componente referente aos lucros do produtor ou importador, o custo do etanol anidro (no caso da gasolina) e do biodiesel (no caso do diesel) e margens do distribuidor e revendedor. Aqui, como se sabe, atuam especificamente atores privados. Neste terreno, a realidade nos mostra cotidianamente, o altruísmo não costuma fazer muito sucesso. Atores privados visam maximização de ganhos é o que nos ensina a teoria econômica clássica.

Segundo o infográfico da Petrobras, “os custos de extração de petróleo nas refinarias não definem o preço da gasolina, pois se trata de um mercado de commodities, atrelado à variação internacional. Isso ocorre em qualquer país cuja economia é aberta, onde pode haver importações e exportações e onde haja a livre concorrência.”

Dessa forma, uma intervenção nos preços abaixo do que vem sendo praticada externamente gera uma perda de valor de mercado e consequentes perdas para a empresa (Petrobras) no mercado financeiro. Por outro lado, quando essa força do cartel e da volatilidade com relação ao dólar é repassado para o consumidor final isso gera uma pressão enorme para o governo por uma política de subsídios, tanto pela classe dos caminhonei-

ros como pela população de uma maneira geral. Gerando um impasse para o governo, se atende a pressão social da população, o que tornaria os preços ainda mais defasados em relação ao preço praticado lá fora e contrariando os acionistas do mercado financeiro.



## **Werton Francisco Rios da Costa Sobrinho**

Mestre em Geografia, Especialista em Metodologia de Ensino (Fundamental, Médio e Superior), desenvolve pesquisa nas áreas de Geografia, História e Direito com foco na Climatologia, Educação para o risco, Desastres Naturais e Geografia Cultural, História Urbana e Social, Patrimônio Cultural, Educação Patrimonial e Direito Ambiental Urbano. Compõe o Conselho Editorial da Revista Clóvis Moura de Humanidades (UESPI) e da Revista Eletrônica Casa de Makunaíma (UER) e o Conselho Científico da Revista Geografia: Publicações avulsas (UFPI).

### **EVENTOS ATMOSFÉRICOS SEVEROS: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO PARA O RISCO**



## EVENTOS ATMOSFÉRICOS SEVEROS: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO PARA O RISCO

**A** temática da severidade atmosférica tem alcançado nos últimos anos uma grande relevância no mundo acadêmico e grande repercussão social, face aos danos provocados por tais fenômenos climáticos e meteorológicos ao patrimônio e o risco representado à vida e saúde humana. Episódios de chuvas intensas, seguidos de fortes rajadas de vento, descargas elétricas, enxurradas, inundações e deslizamentos têm ocupado, cada vez mais, mais páginas nos jornais de grande circulação e tempo precioso nos noticiários locais, nacionais e internacionais.

A discussão em torno dos eventos extremos ou severos passa necessariamente pela análise da questão da variabilidade climática e da degradação ambiental, pois a partir da primeira são potencializados os extremos climáticos e, da segunda, a intensificação do desastre, bem como o aumento da vulnerabilidade humana.

Neste aspecto, a intensificação dos fenômenos naturais somado ao crescimento urbano desordenado possibilitam o aumento do risco de desastres e, conseqüentemente, o aumento das situações de perigo a que estão submetidos os setores me-

nos favorecidos da sociedade.

Observa-se deste fato, o papel estratégico que o Estado exerce nas políticas de gestão do risco atuando preventivamente. Contudo, a literatura recente sobre a temática demonstra a permanência de um desequilíbrio entre a ação preventiva e a resposta de urgência. De modo geral, as iniciativas de redução de risco ou preventivas não apresentam o mesmo grau de importância para os gestores, o mesmo grau de visibilidade que as ações emergenciais, notadamente de caráter assistencial. Assim, ganha relevo os aspectos midiáticos e políticos das ações emergenciais, em detrimento das ações efetivas de médio e longo prazo, ancoradas na gestão de uma cultura preventiva de riscos e obras estruturantes.

O ideal seria buscar atingir o paradigma da sustentabilidade urbana, concebendo as cidades como espaços genuinamente resilientes, inclusivos e habitáveis. Isso pressupõe cidades mais adaptadas aos impactos das intempéries, seja do ponto de vista das soluções da engenharia, seja sob o aspecto cultural, mas também repensar a cidade como espaço democrático e acolhedor.

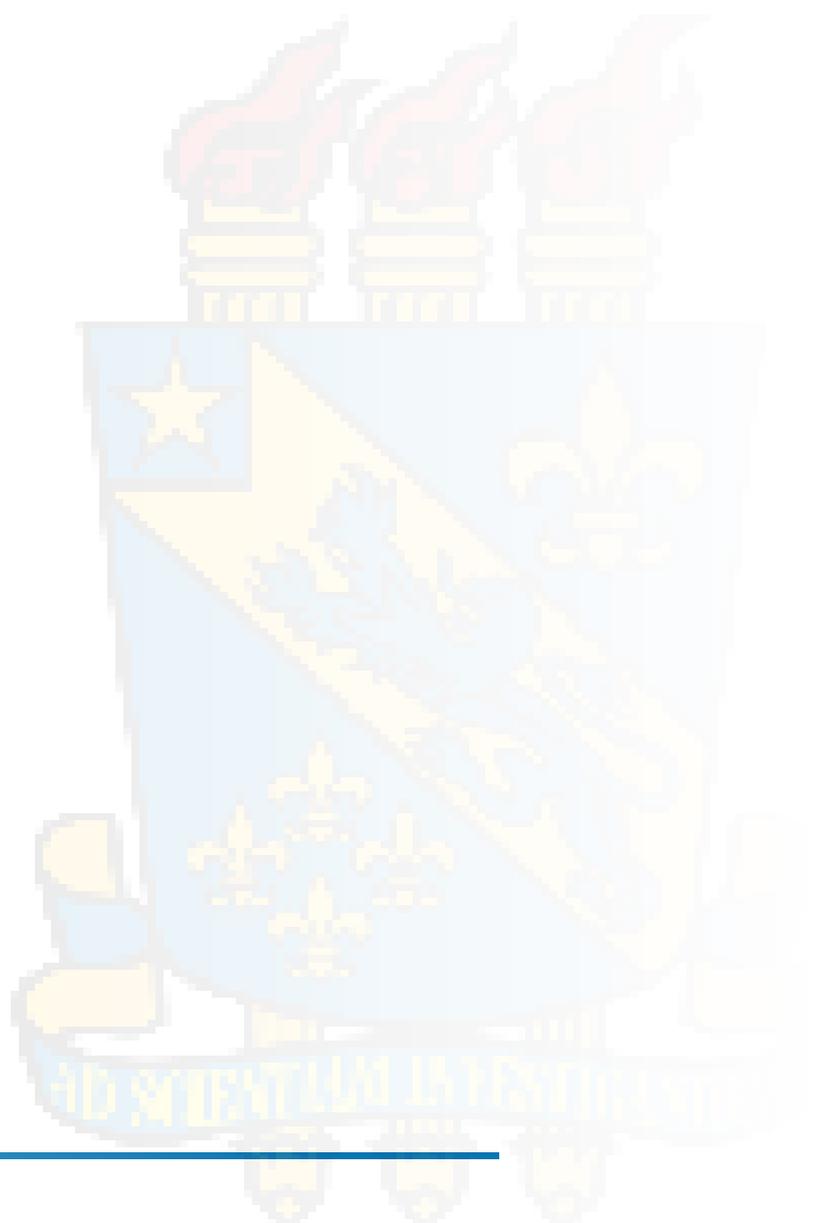
Esse repensar a cidade,

diante do contexto do novo normal climático onde abundam as possibilidades de eventos extremos, deve partir da ampliação dos canais de visibilidade, dizibilidade, legibilidade e inteligibilidade da própria cidade pela pluralidade de seus cidadãos. Neste caso, urge ampliar a participação das comunidades nas discussões, bem como capacitar seus membros, formar multiplicadores para a difusão do entendimento da problemática em tela, mas, sobretudo, engajá-los no enfrentamento do risco de desastres.

Assim, diante deste quadro, propomos e reiteramos, estratégias já consagradas pelas práticas dos órgãos de monitoramento, prevenção e redução do risco de desastres, como forma de ampliar a tão desejada resiliência, inclusão e habitabilidade para as nossas cidades.

Inicialmente é fundamental aprimorar e fortalecer a governança para o gerenciamento dos riscos em diferentes escalas políticas e geográficas. Fomentar ações para a compreensão do risco de desastres, ou seja, desenvolver iniciativas curriculares e extracurriculares, escolares ou em caráter extensionista em diferentes níveis de ensino para a educação para a redução de riscos.

E por fim, construir a genuína resiliência, ou seja, a capacidade dos sujeitos para o enfrentamento dos novos e antigos problemas, buscando minimizar as perdas e ampliar a capacidade de recuperação diante intempéries, municiando-se de dois combustíveis essenciais nesta jornada, o conhecimento produzido e acumulado pela sociedade e a criatividade, fundamental para a concepção de soluções ancoradas na realidade local.





## Vanessa Alencar

Professora Adjunta do curso de Administração (campus Clóvis Moura), Diretora do Núcleo de Inovação Tecnológica da UESPI, Professora do Mestrado em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação - PF UFPI.

**ERA DO CAOS: ADEUS MUNDO VUCA,  
BEM VINDO MUNDO BANI.**



## ERA DO CAOS: ADEUS MUNDO VUCA, BEM VINDO MUNDO BANI.

### Que mundo é esse?

É provável que essa seja uma pergunta que você se fez ou escutou alguém fazer nos últimos tempos. Talvez seja a crise da saúde ou da política ou da economia, ou da segurança, ou do meio ambiente nos conduzem a essa reflexão. Tentamos compreender e encontrar uma resposta certa, algo que nos ajude a saber qual o sentido de tudo isso que está acontecendo no mundo.

Costumava compartilhar com meus alunos e clientes corporativos que vivemos uma muVUCA, referindo-me a uma adaptação do termos original **VUCA** que é uma sigla em inglês, formada pela primeira letra das palavras: Volatility (**volatilidade**), Uncertainty (**incerteza**), Complexity (**complexidade**) e Ambiguity (**ambiguidade**).

A sigla VUCA foi introduzido ao mundo pelo exercito americano não final da década de 80 e disseminado pelos lideres militares ao logo da década de 90 para descrever os cenários e ambientes agressivos e desafiadores da geopolítica mundial, bem como para orientar os desenvolvimentos das estratégias militares.

No começo dos anos 2000 chega aos livros de gestão

estratégica, mas somente em 2010, o conceito se populariza e é incorporado pelo mercado. Assim volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade se tornam conceitos comuns quando o assunto é planejamento e estratégia para descrever um mundo onde múltiplas forças complexas agem para transformar a sociedade de diferentes formas.

Talvez você agora esteja pensando que a pandemia confirmou que vivemos numa muVUCA e que a solução para os desafios seja planejar sob essa lógica. Entretanto, engana-se quem pensa assim. Sabe aquela musica do Lulu Santos que diz: “tudo muda o tempo todo no mundo”? Nunca foi tão verdadeira e adequada. É o mundo sendo fiel ao conceito de “modernidade líquida” desenvolvido pelo sociólogo Zygmunt Bauman para descrever um mundo em que nada é fixo. Tudo pode mudar, tudo mesmo! O que significa que pessoas e organizações devem mudar também.

### Adeus mundo VUCA!

Masquemundoéesse?ÉBANI!

Bani é um termo em inglês, formada pela primeira letra das palavras: Brittle (**frágil**), Anxious (**ansioso**), Nonlinear (**não linear**) e Incomprehensib-

le (**incompreensível**) apresentado pelo futurista e autor norte-americano Jamais Cascio em 2018, ou seja, antes da COVID.

Para o autor o conceito VUCA ficou obsoleto e não acompanhou a velocidade e complexidade das mudanças. O mundo BANI, também, é considerado uma “atualização” ou um “sucessor” do VUCA, essa divergências mostra apenas que nada mais deve ser rotulado e ressalta o que importa: a ideia por trás das siglas e como isso pode nos afetar.

### Bem vindo mundo BANI!

O mundo BANI desafia organizações e pessoas a reaprender e compreender novamente o mundo em que vivemos. Trata-se de uma lógica que orienta como organizações e pessoas devem agir na atualidade e impacta em todas as dimensões de nossas vidas, do pessoal, ao profissional, passando pelo familiar, social e intelectual.

### Mas, na prática, o que muda em nossas vidas e nas organizações?

Imagine quando uma empresa para porque o sistema está foradoar, quando a bolsa de valores despenca depois da

fala de um gestor público ou quando uma nova tecnologia provoca a demissão de colaboradores, essas e outras situações demonstram que o mundo é **frágil**. Está tudo muito incerto, ultrapassa todas as barreiras da volatilidade e torna tudo e todos vulneráveis.

Se é frágil é sucessível a ruptura. Então, como não ser **ansioso** na eminência de perigo constante? Não sabemos o que vai acontecer na próxima semana, o senso de urgência toma conta do ambiente, prejudicando o foco no realmente importa. Por fim, criamos a falsa ilusão que conseguimos fazer muitas coisas, mas esquecemos de refletir sobre nossas ações.

No mundo BANI, a ideia de uma linha do tempo contínua que podemos planejar, definir objetivos, seguir processos e esperar resultados claros, nunca foi tão utópica! O **não linear** refere-se ao sistema de causa e efeito, no qual uma ação pode ter resultados desproporcionais e imprevisíveis. Nesse sistema não conseguimos perceber de onde as coisas vem e nem para onde vão, o que já era ambíguo, tornou-se incompreensível.

É provável que você já tenha se deparado com verdadeiros absurdos, atitudes sem sentidos e decisões sem lógica nos últimos tempos. Ademais, tentou encontrar respostas, mas não conseguiu encontrar nenhuma explicação viável e lógica.

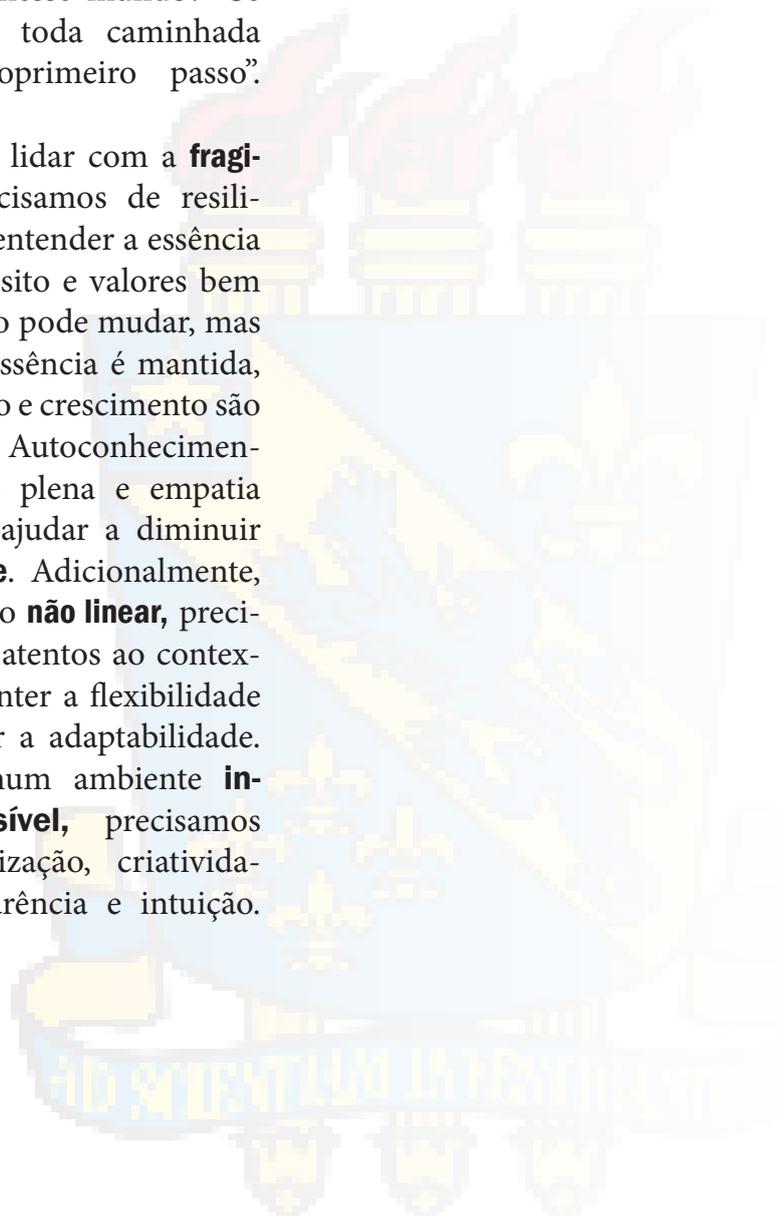
Aí, pensou só Freud explica.

### **Isso é a era do caos.**

Na era do caos tentar controlar ou evitar situações é impossível, mas é possível agir e reagir para garantir vantagem competitiva e sustentabilidade para as organizações, bem como equilíbrio e progresso para sua vida. No caos não tem espaço para acomodação e zona de conforto, no caos tem espaço para **propósito, agilidade e inovação**.

Acredito que durante a leitura desse texto, você, assim como eu, deve ter se perguntado, serei capaz de sobreviver nesse mundo? “Se avexe não, toda caminhada começa no primeiro passo”.

Para lidar com a **fragilidade**, precisamos de resiliência para entender a essência e ter propósito e valores bem claros. Tudo pode mudar, mas quando a essência é mantida, aprendizado e crescimento são possíveis. Autoconhecimento, atenção plena e empatia costumam ajudar a diminuir a **ansiedade**. Adicionalmente, num mundo **não linear**, precisamos estar atentos ao contexto para manter a flexibilidade e promover a adaptabilidade. Por fim, num ambiente **incompreensível**, precisamos de humanização, criatividade, transparência e intuição.





## **Sandra Marina Bezerra**

Enfermeira Estomaterapeuta Ti-SOBEST. Professor da UESPI. Coordenadora da Especialização em Estomaterapia, Clínica Escola e Coordenadora operacional DINTER UESPI- UFPI. Diretora do Departamento de Relações Seccionais SOBEST E Delegada Internacional SOBEST-WCET0.

## **A GUERRA CONTRA COVID-19: A HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DA EMFERMAGEM DO PIAUÍ**



## A GUERRA CONTRA COVID-19: A HISTÓRIA DA ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM DO PIAUÍ

No mês de maio comemora-se dia Internacional da enfermagem, profissão esta, que no Brasil foi instituída em 1960 Semana da Enfermagem, celebrada de 12 a 20 de maio quando o então Presidente Juscelino Kubitschek assinou o Decreto 48.202 oficializando a Semana.

Historicamente a enfermagem tem uma trajetória de batalhas para salvar vidas, no entanto, foi Florence Nightingale (1820-1910), enfermeira britânica que transformou a enfermagem em ciência. Ela selecionou mulheres e, em 1855 foi para a Guerra da Crimeia e lá, com recursos próprios, comprou suprimentos para cuidar melhor dos soldados feridos. Devido a importante atuação e redução da mortalidade dos soldados, utilizando uma Lâmpada durante a noite para prestar assistência aos soldados e ficou conhecida como a “Dama da lâmpada”.

Foi a primeira profissional a abrir as janelas para aerar o ambiente, preocupou-se com limpeza do chão, higiene das mãos e prestou cuidados integrais e humanitários. Escreveu com dados estatísticos e, essas iniciativas proporcionou a VIDA de muitos soldados com a redução da mortalidade de 42% para 2%

Esse grande feito, evidenciado com dados estatísticos e grande agradecimento dos soldados em uma época que as mulheres eram desvalorizadas, levou a Florence, devido a sua atuação na guerra, ser reconhecida e receber uma importante condecoração da rainha Vitória, da Inglaterra. Com esse prêmio, foi criada a primeira Escola de Enfermagem no Hospital St Thomas e até os dias atuais a Inglaterra referência a importância desta grande mulher, mantendo o Museu da Florence que é ponto Turístico em Londres.

No Brasil, tivemos grandes nomes como Ana Justina Ferreira Nery, conhecida como Ana Nery (1814-1880), que foi para a Guerra do Paraguai no período de 1864-1870, com um grupo de mulheres representando o corpo de saúde exército brasileiro, ajudando a salvar muitos feridos de guerra.

Contando a história dessas grandes mulheres que representam a enfermagem mundial e brasileira. No Piauí a Maria Otávia de Andrade Poti (1919-1945) nasceu em Valença Piauí concluir o curso de Enfermagem na Escola Anna Nery em 1940

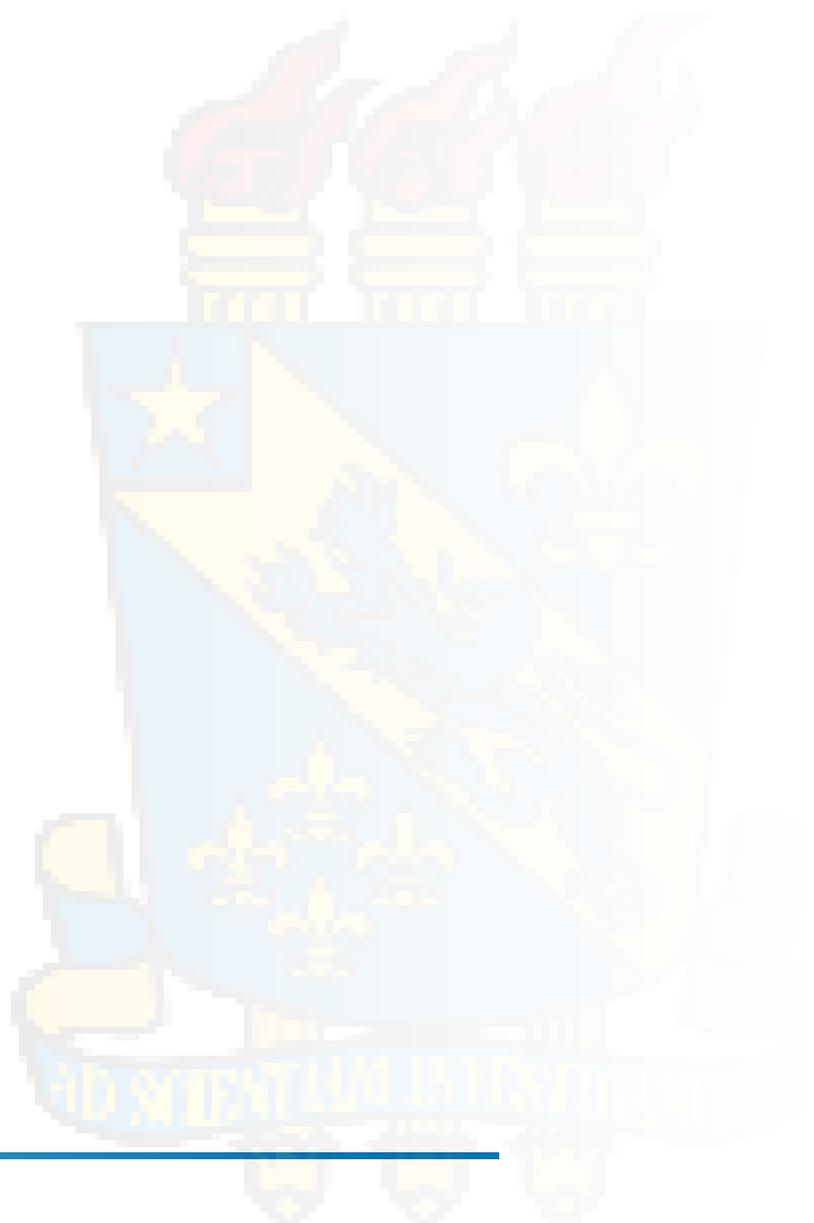
e em dezembro de 1943 retornou para Teresina onde trabalhou durante dois anos no Hospital Getúlio Vargas.

Embora homenageando as precursoras, reconheço que são incontáveis os enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem que trabalharam arduamente para oferecer o melhor cuidado. Profissão tão nobre que dela surgiu, conforme contado por Florence, a importância da nutrição dos soldados com alimentação saudável, a microbiologia com a limpeza adequada e aeração do ambiente, lavagem das mãos, banhos dos soldados, roupas limpas e água limpa, além dos conceitos de administração de serviço de saúde sem contar no método científico ao realizar procedimentos como técnica e limpeza.

Passados tantos anos, nos deparamos com taxas elevadas de infecção hospitalar e a pandemia do Covid-19, na qual, mais uma vez a enfermagem do mundo inteiro está na Guerra contra o Sars-Cov-19 junto a equipe multiprofissional, criando protocolos, ajudando a salvar vidas, buscando formas efetivas de assistência integral, baseados nas melhores evidências para cuidar da vida desde o nascimento até a morte e por meio

desta categoria profissional, reduzir os agravos causados pela pandemia da Covid-19, momento crucial para valorização de profissão tão importante para a sociedade.

Ressalta-se que o curso de graduação de enfermagem é realizado em cinco anos e na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) é integral com carga horária de 4.785 horas, com um corpo docente que prima pela excelência do ensino. Nesse contexto, a UESPI, tem uma forte contribuição com a nação brasileira por ter curso de graduação de enfermagem nos quatro Campi, com qualidade demonstrada em vários Exames Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), com notas máximas em alguns cursos, comprovando a eficiência do ensino e exportando mentes capacitadas para atuar no Brasil, mediante aprovação nos concursos públicos e serviços privados.





## Samária Andrade

Doutora em Comunicação (UnB), mestra em Comunicação (UFPI), professora de Jornalismo (UESPI). Faz pesquisas sobre processos e práticas jornalísticas, Economia Política da Comunicação, teorias e sociologias do Jornalismo.

**AO VIVO, DO TERRENO ONDE CRESCE A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA  
COMO A COBERTURA - E A AUSÊNCIA DELA - DAS MANIFESTAÇÕES CONTRA BOLSONARO (29M)  
AJUDAM A FOMENTAR A MÍDIA ALTERNATIVA**



## AO VIVO, DO TERRENO ONDE CRESCE A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA COMO A COBERTURA - E A AUSÊNCIA DELA - DAS MANIFESTAÇÕES CONTRA BOLSONARO (29M) AJUDAM A FOMENTAR A MÍDIA ALTERNATIVA

**A**s manifestações do dia 29 de maio (29M) em mais de 200 cidades brasileiras se converteram nas maiores mobilizações populares anti-Bolsonaro desde o início de seu governo. A grande repercussão, além de atestar seu alcance, confirmou o poder de coberturas ao vivo de veículos de mídia alternativa e cobrou o silêncio de jornais tradicionais do país. Apenas a Folha de S. Paulo deu destaque em sua capa para o acontecimento. As primeiras páginas de O Estado de S. Paulo e O Globo ignoraram os protestos.

A ausência da notícia ficou mais flagrante pelo espaço que as manifestações mereceram na imprensa internacional (The Guardian, Le Monde, La Nación, El País). As capas dos jornais brasileiros contribuíram com o sentimento de ausência proposital. Em O Globo, sob a retranca “Oportunidades”, aparecia a manchete: “PIB reaquece e empresas desengavetam R\$ 164 bilhões em projetos”. O Estadão parecia publicar em um país paradisíaco, estampando “Cidades turísticas se reinventam para atrair o home office”. Ora, quem disse que uma pandemia não pode ser oportunidade de negócios, não é mesmo? Estão aí as manchetes da editoria de economia para comprovar (de economia-econômica, diria a Economia Política crítica).

O clima de otimismo e “esqueça os mortos, eles não levantam mais”, em O Estadão,

ficou completo com a foto da matéria ao lado – um bonito casal e seus filhos numa área verde e a legenda que trazia o termo “paraíso orgânico”. Parecia até uma ironia (será que foi?), lembrando as capas dos jornais que publicavam receitas de bolo na ditadura civil-militar dos anos 1960-1970 quando queriam, na verdade, denunciar que não estavam podendo publicar o que deveriam estar publicando.

Para discutir a ausência de cobertura do 29M nos jornais, surgiram desde explicações sobre interesses da empresa jornalística em conflito com o interesse social; passando por “nem tudo é coisa de jornalismo malvado” e “eles ‘fecham’ as edições de domingo no sábado, por volta de meio-dia” (portanto, antes das manifestações atingirem a proporção a que chegaram); até “quem se importa com o que os jornais publicam, agora tem-se as redes sociais”. E tentou-se entender o fato por várias abordagens, convocando, entre outras, a ideia de espiral do silêncio (Noelle-Neumann), que leva a subestimar acontecimentos por achar que eles ficarão restritos a uma minoria.

Pedro Aguiar, professor de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), em matéria na revista piauí, duvidou de um erro de avaliação dos jornais tradicionais, uma vez que o valor notícia dos protestos era evidente. Para ele houve uma escolha deliberada em

esconder imagens onde se sobressaíam bandeiras vermelhas, em uma “atenção” aos leitores no papel, em sua maioria idosos e conservadores. É provável que o estudioso Nilson Lage concordasse com essa ideia. Em entrevista recente ao portal ComunicoLog, ele definiu o Estadão como representante da oligarquia paulista e a Folha como um Estadão envergonhado, que atende à mesma burguesia, mas tentando fazer um contraponto.

Nesse texto nos interessa compreender ainda um outro aspecto: como a ausência de coberturas na mídia convencional em momentos assim ajuda a explicar o crescimento dos chamados veículos alternativos de comunicação. Já que os grandes jornais querem falar de oportunidade, vamos a ela.

Ao longo da história, as insatisfações com a mídia de formato empresarial fizeram surgir diferentes experiências de veículos alternativos de comunicação. Nas primeiras décadas do século XXI essas experiências adquirem grande difusão por meio dos avanços em Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), sendo essencialmente digitais - com destaque para o uso das mídias sociais -, e sendo permitidas pela redução nos custos para se criar possibilidades de produtos jornalísticos (ou semelhantes), ampliando a oferta de informações (MICK; TAVARES, 2017).

Mas explicações apenas

tecnológicas não dão conta de compreender tudo o que se passa. Elas confluem com uma mobilização social renovada (em parte pelas próprias TICs) e o crescimento de movimentos culturais e identitários que trazem novas reivindicações coletivas. Junta-se a isso um contexto de crise no mundo do trabalho de modo geral, que atravessa também o jornalismo. O cenário se completa com o capitalismo avançado (também em crise), que já via, ao lado da concentração de grandes organizações de comunicação, a emergência de uma reorganização produtiva, dando espaço a novos atores (TOURRAINE, 2011; HARVEY, 2011).

Assim, os vários fenômenos que se articulam vão da disponibilidade técnica a mudanças estruturais mais amplas no campo da comunicação e do jornalismo. A condição de crises que se interconectam culmina num desgaste em modelos representativos, que abala hierarquias, governos, escolas, igrejas, partidos políticos. Não à toa um dos lemas das manifestações de rua no mundo e no Brasil nos primeiros anos da década de 2010 era “não me representa”, expondo a desconfiança com tudo o que estava instituído – inclusive com a mídia, portadora e disseminadora dos valores do que estava em suspeição.

Não se sentindo representados pela mídia e com acesso aos instrumentos para criar e disseminar relatos sem grandes custos, surgem atores que tomam para si a função de contar o que acontece. Mick e Tavares falam de um gap entre o que a mídia jornalística diz/faz e o que esses agentes acreditam que deva ser dito/feito.

Um estudo produzido pela organização espanhola Sembramedia, de estudos de mídias alternativas digitais, verificou grande crescimento desses veículos nas primeiras décadas do século XXI na Argentina, Colômbia, México e no Brasil, caracterizados por viés progressista. As explicações para esse fenômeno estariam na condição altamente polarizada desses países do ponto de vista político e na propriedade de empresas de mídia muito concentrada e com controle sobre o que é publicado, o que termina impelindo jornalistas a produzirem jornalismo independente.

Dessa forma, outras narrativas são postas em circulação e conquistam parcelas de público. No 29M, enquanto os grandes jornais brasileiros praticamente ignoravam o que acontecia, os eventos eram cobertos por veículos locais - a exemplo do Ocorre Diário, em Teresina; ditavam a pauta em veículos nacionais alinhados à esquerda - como Brasil de Fato; e eram impulsionados por coletivos de comunicação já experientes nas coberturas de dimensão nacional, como a Mídia Ninja. Essa última ajudou a criar um jeito de narrar eventos de rua ao vivo, valorizando a natureza narrativa dos acontecimentos e conseguindo mobilizar até mil colaboradores ao mesmo tempo por todo o país, enviando imagens e informações.

O modelo se mostrou mais uma vez eficiente. No final do dia 29M a Ninja contabilizava mais de 4 horas de live ininterrupta no Youtube e lives de várias cidades no Instagram. Fábio Malini, professor de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo e coautor do livro A

Internet e a Rua (2013), publicou gráficos em que a Ninja aparece como o perfil mais citado no Instagram e o de maior interação no Twitter àquele dia. Levantamento da consultoria Arquimedes, a pedido da revista piauí, analisou o engajamento em redes sociais das reportagens publicadas pelo O Globo e Estadão entre 24 e 31 de maio e concluiu que, enquanto a reportagem do site de O Globo sobre os protestos anti-Bolsonaro teve 9,8 mil compartilhamentos no Facebook, a manchete de domingo sobre os “sinais de reação do PIB” registrou apenas 396 compartilhamentos. No Estadão, a reportagem no site sobre as manifestações teve 11 mil compartilhamentos no Facebook, enquanto a chamada de primeira página sobre as cidades felizes do home office foi compartilhada apenas 178 vezes. Ou seja: as redes sociais davam mais uma amostra de sua posição como maiores canais de entrada de público nas notícias online e o público dizia que notícia ele estava querendo ver.

O dia 30 de maio foi o que já se sabe: enquanto a informação do 29M era sonogada das primeiras páginas de O Globo e Estadão, crescia a reclamação sobre a ausência do tema – o que não deixa de ser revelador sobre a importância que continua a se conferir a essas páginas, ainda que o declínio dos jornais impressos apareça em números de circulação. No mesmo dia, muito cedo, a Ninja já publicava um vídeo com imagens de diversos lugares do Brasil – uma ideia de “pós-evento” em um filme bem editado, como costumam fazer.

Enquanto os meios digitais alternativos aproveitam a oportunidade para mostrar fôlego, ocupando o espaço deixado

aberto pela mídia tradicional, é difícil saber até onde esses alternativos conseguem ir, uma vez que têm dificuldades de investimentos, no Brasil não há políticas públicas de apoio ao crescimento da mídia dita independente – como acontece em vários países europeus –, e a visibilidade que eles alcançam depende de plataformas digitais que se tornaram empresas gigantes do setor das TICs, controladas por métricas opacas e desreguladas.

Também não se pode perder de vista que os atores alternativos são heterogêneos e que a mesma tecnologia que permite o crescimento de mídias progressistas tem servido aos usos que desembocaram na disseminação das mentiras distribuídas eletronicamente de modo organizado e que tem corroído democracias pelo mundo, beneficiando-se da mesma falta de transparência que dita o modelo das plataformas digitais.

E, se as empresas jornalísticas tradicionais também reproduzem lutas de classe, talvez não fosse um delírio comunista supor que ali, naquela manchete da Folha, esteja a malícia de um jornalista que, ao escrever “Milhares saem as ruas contra Bolsonaro **pelo** país”, falava não de geografia, mas de uma causa.





## **Robson Carlos da Silva (Mestre Bobby)**

Pedagogo (UFPI), Especialista e Supervisão Escolar (UFPI), Mestre Em Educação (UFPI), Doutor em História da Educação (UFC), Pós-Doutoramento em História e Memória da Educação Brasileira (UFPB); Professor Associado I/DE da Universidade Estadual do Piauí/UESPI; Coordenador do Núcleo de Pesquisas em História Cultural, Sociedades e História da Educação Brasileira/NU-PHEB; Membro do PPG Mestrado Interdisciplinar Sociedade e Cultura/UESPI.

## **Gênero e Práticas Femininas: mulheres negras e capoeiristas de Teresina/PI**



## Gênero e Práticas Femininas: mulheres negras e capoeiristas de Teresina/PI

**D**escrever as experiências de pesquisar exige, antes de tudo, situar nosso lugar de investigação, escrita e produção, situado na área das Ciências Humanas, tomando a educação enquanto campo do saber por onde trafegamos, mais especificamente a Pedagogia, a partir da qual nos utilizamos de múltiplos olhares e abordagens acerca de práticas educativas, dada a riqueza e a amplitude de possibilidades que a Pedagogia carrega, dentre as quais destacamos etnia e raça, gênero, cultura e sociedade, quase sempre tomando a Capoeira como abordagem central.

Nossos diálogos acadêmicos tendem a se ancorar nas teorias e abordagens características do conhecimento histórico, sobretudo da Nova História Cultural e da História Social, enfatizando estudos biográfico e autobiográficos, narrativas orais e escritas e, mais recentemente, teoria dos Quadrinhos, a partir dos quais desenvolvemos inúmeras pesquisas sustentadas no rigor acadêmico-científico sem, no entanto, negar os trânsitos possíveis com a com a realidade social próxima e distante, propondo novos olhares e produzindo novas compreensões e novos conhecimentos acerca desse processo.

Este escrito se detém sobre os estudos de gênero feminino, centrados no feminismo negro e destacando a atuação de mulheres negras e capoeiristas, a partir de suas próprias con-

cepções e experiências, tendo como palco o cenário da capoeira teresinense. Estes estudos vêm se desenvolvendo desde o ano de 2005, tendo como motivação a inquietação de mulheres capoeiristas venezuelanas que vieram à Teresina participar de um evento internacional de Capoeira e aqui destacaram o acentuado machismo presente nessa prática cultural.

Este impulso curioso e inicial me provocou e desafiou a imergir no campo teórico do feminismo negro, por meio de escritos das mulheres negras do mundo todo, especialmente, da África e América do Sul, e que expressavam seus gritos e suas lutas a partir de práticas de resistir e insistir em várias frentes e lugares diversos, em um referencial teórico condizente, pertinente e em movimento constante, que se dinamiza e se renova a cada ano.

Partindo deste imergir radical nas teorias sobre as práticas e atuação de mulheres elaborei projetos e desenvolvi várias pesquisas com mulheres, merecendo citação um projeto atual que se detém sobre as Histórias em Quadrinhos (Hq) nacionais para investigar o protagonismo de personagens mulheres, negras e capoeiristas, buscando entender os sentidos e significados atribuídos, nestas narrativas, às mulheres enquanto sujeitas de suas práticas na Capoeira, proporcionando diálogos e interfaces possíveis com a luta das mulheres e as lutas da Capoeira

enquanto cultura e patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Dentre as pesquisas destacarei duas, marcantes dada a amplitude e a aceitação acadêmica e social relevante, com a produção de escritos publicados em livros, anais de eventos e periódicos, bem como apresentados em comunicações orais, além de bastante exploradas em seus resultados nos encontros e publicações sociais do universo da Capoeira.

A primeira, “História Social e Trajetórias de Vida de Mulheres na Capoeira Teresinense”, surgindo enquanto investigação de natureza documental e passando a pesquisa de história oral, investigou a inserção, atuação e participação de mulheres capoeiristas nos espaços de práticas, especialmente os grupos de Capoeira, dessa arte-cultura, tendo como colaboradoras quatro mulheres negras, mães e que desenvolveram alguma prática pedagógica em seus grupos. Identificadas por seus respectivos apelidos na arte, Têra, Catita, Malagueta e Oncinha, trouxeram à tona, por meio de suas memórias e relatos autobiográficos, achados interessantes e que desvelaram o quanto o machismo ainda impera no universo de uma arte que tanto preza a liberdade pessoal e coletiva, porém, com fortes indícios de que as mulheres, a partir de suas práticas e insistentes lutas conquistam espaços e conseguem vez e voz, espaço e, acima de tudo, o respeito enquanto mu-

lheres, capoeiristas e professoras.

A segunda pesquisa, “Mulher, Negra, Mãe, Capoeirista: tessituras de memórias e o legado educacional e social da capoeirista Têra de Teresina/PI”, tendo como escopo imergir na história de vida da Contramestra Têra e, a partir de recortes específicos, identificar e ressaltar suas atuações, práticas e contribuições no universo da Capoeira teresinense, desvelando o legado educacional e social de uma mulher que, além de capoeirista, é negra e mãe. A investigação, também, teve como base teórica fundamental a Nova História Cultural, tendo a História Oral como abordagem teórica específica e ancoragem no método autobiográfico. As lembranças e memórias de Têra, relatadas e registradas por meio de suas narrativas orais foram a fonte principal de produção dos dados do estudo.

Podemos concluir, a partir da escritura desse ensaio que os estudos de gênero feminino negro, em diálogo com os estudos étnicos e Capoeira abrem inúmeras possibilidades para a produção de novos olhares e estudos inovadores no campo da Pedagogia, superando a concepção de que em Pedagogia somente se investiga a escola e a educação sistematizada.

Finalmente, concludo, agradecendo o espaço institucional na UESPI, minha casa e base para o fomento e realização das pesquisas citadas, disponibilizado pela ASCOM e que, certamente, contribui significativamente para o reconhecimento e respeito às pesquisas desenvolvidas por seus professores e alunos, ampliando e solidificando, assim, o espaço

para a criação de novos Programas de Pós-Graduação/PPG.





## Dario Brito Calçada

Professor, pesquisador, humorista e um fascinado em promover a sociedade. Também é Doutor em Computação e Matemática Computacional pela Universidade de São Paulo (USP) no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC), Mestre em Biotecnologia pela Universidade Federal do Piauí com ênfase em Inteligência Computacional aplicada à nanotecnologia e biotecnologia. Bacharel em Ciências da Computação pela Universidade Estadual do Piauí. É professor desde 1998 e tem experiência na área de Ciência da Computação, além de Matemática e Física. Atua como professor de matemática e física em cursos pré-vestibulares e no seu canal do Youtube, no qual faz a união do humor com o ensino de Física, além de trazer mensagens de orientação e motivação. Atualmente é professor efetivo da Universidade Estadual do Piauí e coordena o GEDAI (Grupo de Estudo e Desenvolvimento de Aplicações Inteligentes), além de participar diretamente em projetos sociais junto às Obras Sociais Luz da Esperança.

## A Ciência dos Dados: revolução ou adaptação?



## A Ciência dos Dados: revolução ou adaptação?

O mundo passa por constantes mudanças, e com elas os processos e produtos vão se tornando cada vez mais elaborados a fim de atender às demandas que surgem em meio à sociedade. Com a alavanca das tecnologias da informação, a quantidade de dados gerados a cada momento se tornou exorbitante surgindo então outros problemas: como tratar esses dados? Como conseguir extrair algum tipo de informação útil (conhecimento) dos mesmos? Essas perguntas como tantas outras deram início a estudos e pesquisas que formaram a Ciência de Dados.

Podemos definir a Ciência de Dados (Data Science) como uma área de estudo muito disciplinado com relação aos dados e demais informações inerentes à empresa e as visões que cercam um determinado assunto. Em resumo é uma ciência que visa estudar os dados desde seu processo de captura, transformação, geração e, posteriormente, análise das informações extraídas para obtenção de conhecimento. A ciência de dados envolve diversas áreas como: estatística, computação (principalmente elementos de Inteligência Artificial), conhecimento do negócio, matemática, etc.

De acordo com Darwin, em sua teoria da evolução, a espécie de maior longevidade é a que melhor se adapta a mudanças. Sendo assim, a Ciência de Dados e suas aplicações estão

realmente promovendo uma revolução na sociedade ou apenas os seres humanos estão se adaptando cada vez mais a novas situações e demandas que surgem a cada dia? Para isso existem pesquisas que definem a evolução da sociedade como algo que transcende apenas a tecnologia em si, mas principalmente a finalidade que se faz da mesma.

Na história da humanidade sempre houve invenções que alavancaram mudanças sociais, e com as mesmas, a necessidade de adaptação, como a Máquina a Vapor promovendo a primeira revolução industrial, ou o uso da pólvora em larga escala. Mas como sempre, não é apenas a tecnologia que deve ser analisada, e sim as aplicações das mesmas, uma vez que a pólvora que traz a beleza dos fogos de artifício é a mesma utilizada em armas utilizadas em guerras.

Com os dados e toda a tecnologia aplicada a seus estudos não pode ser diferente. Temos a cada dia um turbilhão de dados sendo criado. Nesse momento mesmo, você está lendo esse artigo e “sem querer” está gerando uma imensidão de dados gerados pelo seu celular ou computador ou qualquer dispositivo que esteja usando nessa leitura. Ficamos então com a reflexão de como esses dados gerados devem ser utilizados e como podemos fazer para que as aplicações sejam orientadas de forma positiva às pessoas.

Embora as pessoas não

percebam, os dados tem influenciado a vida de todos, tanto de forma positiva como negativa, cabendo a cada um verificar como essa influência ocorre em si mesmo. Para os pesquisadores de Ciência de Dados fica a tarefa de sempre buscar o melhor e com isso impactar positivamente a sociedade.

Na Universidade Estadual do Piauí existe um Grupo de Pesquisa que integra o estudo de Ciência de Dados com diversas outras áreas, esse grupo é o GEDAI (Grupo de Estudo e Desenvolvimento de Aplicações Inteligentes). O GEDAI tem coordenação em Parnaíba, mas consta com pesquisadores de várias áreas espalhados por vários Campi da UESPI, bem como professores, pesquisadores e alunos de outras instituições.

No GEDAI são realizados experimentos com diversas aplicações, mas todas sempre buscando o bem estar e a otimização de processos relacionados ao bem-estar humano. Dentre as pesquisas realizadas podemos citar as que impactaram no combate à Pandemia. Foram criados dois aplicativos para serem usados nos processos de identificação de novos casos e prevenção de disseminação da COVID, sendo os mesmos os primeiros objetos de propriedade intelectual registrados pelo Núcleo de Inovação e Tecnologia (NIT) da UESPI.

Outra pesquisa importante foi o desenvolvimento de

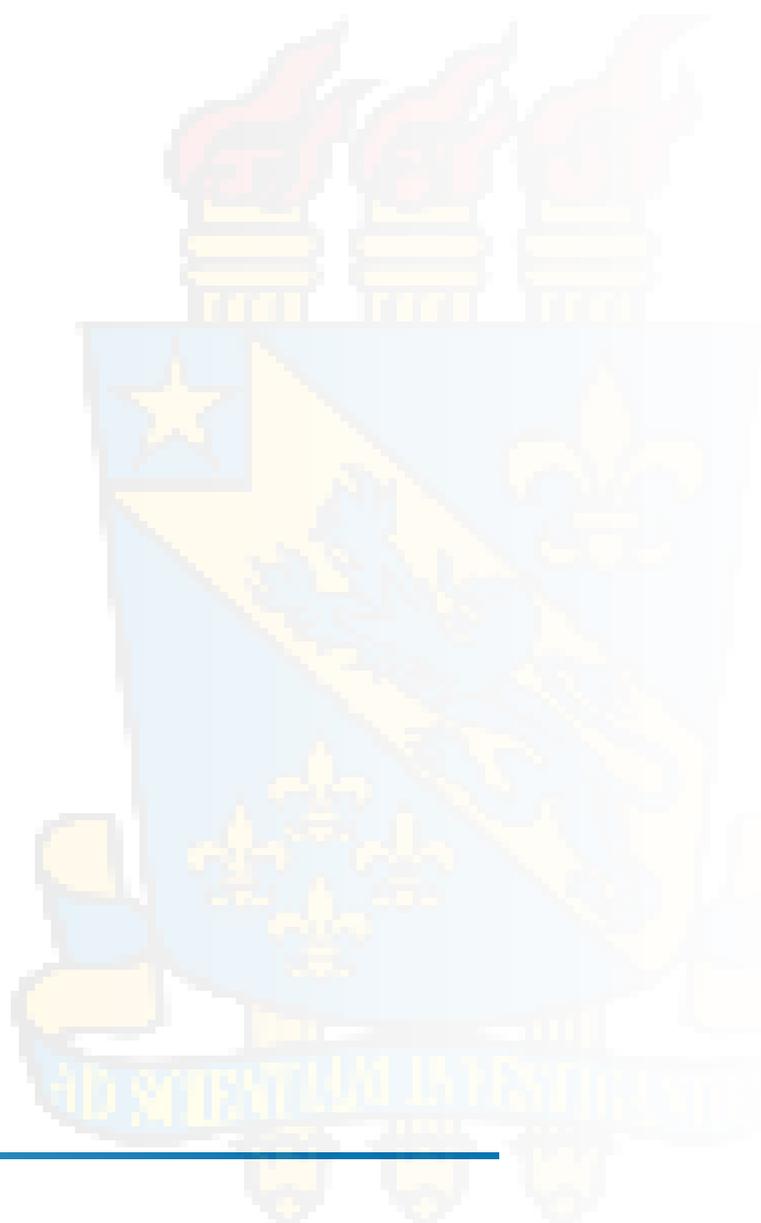
um modelo de Inteligência Artificial capaz de diagnosticar a COVID-19 apenas com parâmetros de exames de sangue e urina. Exames de custo muito mais baixo que os usados rotineiramente para detecção da COVID e que já fazem parte da rotina de cuidados de hospitais e clínicas.

Outras pesquisas relacionadas diretamente na melhoria dos tratamentos e terapias da saúde humana são: desenvolvimento de sistemas de acompanhamento de pacientes com hanseníase e outro para identificação, registro e apoio a pessoas com paralisia cerebral; aplicativo que servirá como ferramenta em terapêutica de feridas com uso de laser de baixa frequência; e aplicação para auxiliar a profissionais em UTI neonatal na mensuração de dor em crianças recém-nascidas.

Outra área de extrema importância é a produção de alimentos, nesse sentido estamos desenvolvendo no GEDAI ferramentas e dispositivos inteligentes para controle de irrigação e adubação de plantações de vários tipos, promovendo a redução dos custos e o aumento da produtividade, além de gerar nossos estudos do próprio aperfeiçoamento agrícola.

Para finalizar, gosto sempre de trazer um pensamento que pode fazer com que cada leitor pense e entenda o seu papel diante dessa imensidão de dados. Não importa o que você aparenta, não importante o que você mostra, o mais importante é o que você sente e o que você é. Para resolução de problemas odontológicos, existe o aparelho, para aquela parte do seu corpo que você não gosta, existe a cirurgia plástica, para o exc-

so de peso existe à dieta, para o combate à pobreza existe o trabalho, mas para a falta de caráter e a hipocrisia, não há nenhum tipo de tecnologia que resolva. Cuide também dos dados gerados em seu interior. Muita LUZ!





## Anarlete Ursulino Alves

Graduação em Agronomia pela Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias no ano de 2006. Possui Mestrado em Agronomia (Produção Vegetal) pela mesma instituição, no ano de 2008. Possui Doutorado pela Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, foi Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), obtendo o Título de Doutora no ano de 2011. Atualmente é professora Efetiva da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Lotada no Campus Cerrado do Alto Paraíba (Uruçuí-PI), durante a sua trajetória nesta Instituição de Ensino Superior, tem desenvolvido pesquisas com o uso de substratos alternativos, com a finalidade de melhorar a renda do produtor rural.

## A Substratos alternativos: Uma opção para o produtor rural



## A Substratos alternativos: Uma opção para o produtor rural

Mediante a escassez de recursos naturais, é crescente a preocupação por materiais alternativos para cultivo de mudas e plantas. Para tanto a proposição de novos materiais é necessário estudos referentes a qualidade física/química do mesmo, bem como da adaptação e desenvolvimento das plantas neste.

A temática de uso de substrato alternativo tem gerado uma série de discussões e interesse por parte dos produtores rurais, em função das suas vantagens proporcionadas, a alternativa de uso de substrato orgânicos, tem sido uma realidade por constituir-se numa tecnologia muito interessante, vindo a estabelecer-se como um sistema alternativo de cultivo, possibilitando maior ganho, com a redução dos custos com aquisição de substratos comerciais.

As discussões em torno desse assunto, tem sido de extrema importância junto á comunidade rural, tem-se discutido e comprovado as vantagens e melhorias nas suas condições de vida, comprova-se ainda melhoria na produção de mudas, melhoria na qualidade das mudas produzidas, incrementando de forma satisfatória no agronegócio. Desta

forma, temos notado e comprovado uma grande contribuição para os horticultores.

Aspectos importantes, relacionados ao uso de substratos alternativos, que devem levar em consideração, que provoca o sucesso ou insucesso do seu cultivo, podemos destacar, possuir boa textura e estrutura, pH adequado, fertilidade e estar livre de patógenos, e ainda, possibilitar suprimento adequado de água e ar ao sistema radicular. A qualidade física do substrato é muito importante, devendo garantir mudas de qualidade com baixo custo em um curto período.

É aconselhável a utilização de substratos orgânicos, que possuam características adequadas à espécie cultivada a fim de reduzir o tempo de cultivo e diminuir a necessidade de aplicação de fertilizantes químicos e defensivos agrícolas. Pois, o substrato desempenha papel fundamental no processo de formação das raízes, sendo um dos fatores externos mais importantes na sobrevivência das plantas no início do seu desenvolvimento, complementando os adubos de origem orgânica atuam na melhoria das condições físicas, químicas e biológicas do solo.

Com a necessidade de

novas opções de substratos alternativos para a produção de mudas de hortaliças e frutíferas, na UESPI-Campus Cerrado do Alto Parnaíba - Uruçuí-PI, tem-se desenvolvido pesquisas com o objetivo de avaliar a influência do uso desses substratos. E através das publicações dos resultados obtidos, temos disponibilizado aos produtores meios para aumentar sua renda, mostrando uma maior perspectiva de exploração, buscando particularmente a fixação desses produtores rurais ao campo, além de oferecer suporte para incrementar o agronegócio.

Desta forma, tem-se uma grande contribuição para os fruticultores e horticultores da região do Alto Parnaíba, principalmente, no município de Uruçuí, onde a quantidade de mudas produzida é muito pequena em relação à quantidade necessária, o que faz com que o comércio local apresente deficiência nas opções para os consumidores.



## Edilma Mendes Rodrigues Gonçalves

Doutoranda em Educação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Especialista em Tutoria de Educação à Distância pela Faculdade Internacional de Curitiba e Licenciada em Pedagogia pela UFPI. Professora Assistente (DE) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

Tem experiência na docência e na gestão da Educação Infantil, docência nas séries iniciais do Ensino Fundamental e nos cursos de pós-graduação *Latu sensu*. Coordena o Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (PROP/UESPI).

É líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas e Membro do Grupo de Estudo Formação, Profissionalização e Práxis Docente - UESPI e do Núcleo de Pesquisa em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas - NUPEFORDEPE/UFPI. Tem experiência e desenvolve pesquisas e estudos nas áreas de: Formação de Professores, Educação Infantil, Práticas Pedagógicas, Saberes Docentes, Alfabetização e Letramento

## O Ensino da Leitura e da Escrita na Educação Infantil



## O Ensino da Leitura e da Escrita na Educação Infantil

**A** Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e estabelece um marco na história da educação no Brasil; ultrapassa a visão de educação para a pobreza de forma compensatória e assistencialista para a educação que visa ao desenvolvimento da criança em seus aspectos cognitivo, afetivo, social e psicológico. A propósito, a Educação Infantil tem caráter intencional de ensino, considerando que o espaço, o tempo e os conteúdos sejam organizados e realizados para atender às especificidades do desenvolvimento da criança, e não apenas prepará-la para o seu ingresso no Ensino Fundamental.

Desse modo, há que considerar a Educação Infantil como um processo formativo em que tem a escola como espaço de aprendizagens, de fazer relações e de despertar a construção de novos conhecimentos. Aspectos determinantes deste ensino, como a alimentação, o repouso e a higiene são importantes nesse processo, bem como o trabalho com as linguagens e a inserção da criança na cultura escrita de forma sistemática e planejada, com o objetivo de desenvolver a criança e prepará-la para o futuro.

Sobre o ensino da leitura e da escrita para as crianças do ensino infantil, Brandão e Leal (2011), defendem que o trabalho com a linguagem escrita deve ser intencional, planejado e organizado dentro do tempo pedagógico, de forma que faça sentido para a criança e que alcance as metas estabelecidas no planejamento, considerando, assim, a alfabetização na perspectiva do letramento como defende Soares (2020), ao afirmar que são processos linguísticos distintos, porém, simultâneos e interdependes.

A Educação Infantil desempenha papel fundamental no processo de alfabetização e letramento da criança, porque se trata de processo de construção de conhecimento da leitura e da escrita inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar, considerando o desenvolvimento integral da criança. E para muitos autores a evolução do processo da linguagem depende das condições biológicas, mas sofrem influência importante de fatores ambientais, como os associados à família e à escola.

Nesse sentido, entendemos que as crianças desenvolvem a linguagem oral desde o nascimento, mas a linguagem

escrita passa a ser desenvolvida, com mais intensidade, quando a criança está na pré-escola, pois, conforme Oliveira (2020) a partir dos quatro e cinco anos a criança passa a dominar estruturas linguísticas mais complexas e desenvolve a capacidade de ajustar a sua fala a seu interlocutor, além da preocupação com a correção de palavras e frases.

Logo, é importante salientar que a aprendizagem é fortemente influenciada por todo o meio onde a criança se encontra e com o qual interage, e neste contexto, a escola é considerada um lugar que privilegia o desenvolvimento da linguagem e da escrita por promover momentos de produção de textos coletivos, de conto e reconto de histórias, de escrita espontânea, entre outras atividades que estimulam esse processo de apropriação da língua escrita pela criança.

Nesta lógica, destaco que embora sendo tímidas as iniciativas para a compreensão das dinâmicas do processo de aprendizagem da língua escrita pela criança na pré-escola, existem iniciativas de promover a imersão da criança na cultura escrita quando ela participa de eventos letrados e começa espontaneamente a problematizar a língua escri-

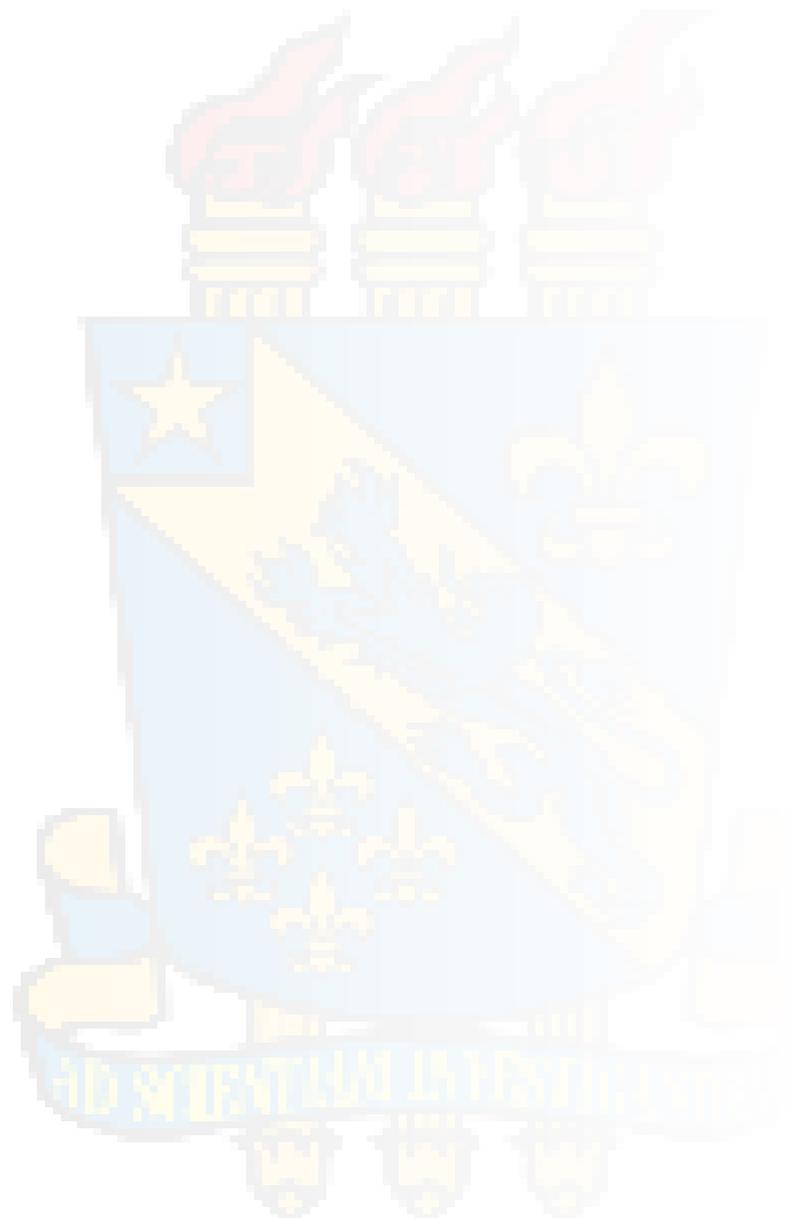
ta. (COLELLO; LUIZ, 2020).

Sobre esse processo, Soares (2009, p. 2) aponta para a necessidade de “[...] estar presentes tanto atividades de introdução da criança ao sistema alfabético e suas convenções – alfabetização – quanto as práticas de uso social da leitura e da escrita – letramento”. Para a autora, aprender a ler e escrever não se reduz a grafar e decodificar palavras, é preciso que a criança aprenda a fazer uso da leitura e da escrita e compreenda a sua importância na vida social e individual.

Diferentes gêneros textuais devem ser introduzidos na Educação Infantil e fazer com que a criança identifique o objetivo e o modo específico de ler cada um deles. Essa prática de letramento e alfabetização é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto no qual a escrita e a leitura façam sentido para a criança. Para Corsino (2012), ao brincar com as palavras por meio de parlendas, cantigas de rodas, quadrinhas, entre outros textos, as crianças estarão brincando com os campos fonéticos e semânticos da língua, o que contribui para o seu processo de alfabetização e para a sua apropriação do sistema de escrita.

Com base nessa compreensão, o ensino da leitura e da escrita têm merecido bastante atenção na Educação Infantil, pois, os professores ao desenvolverem as práticas pedagógicas, devem sistematizar as suas experiências vividas no cotidiano da esco-

la, e articular sua ação com os conhecimentos sobre as suas concepções de alfabetização, os seus saberes, os seus fazeres, e como transmitem o saber-fazer produzido no processo de ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil em contextos diversos.





## Harlon Homem de Lacerda Sousa

Caririense de Santana do Cariri, vive e trabalha em Oeiras, primeira capital do Piauí, sendo lotado no curso de Letras/ Português do Campus Professor Possidônio Queiroz. Graduado em Letras (URCA), Mestre em Letras (UFPB), Doutor em Letras (UFC) é líder do Núcleo de Estudos em Literatura e Cultura (Nelicult-DGP-CNPq), coordenador do PRograma de Extensão PIRÃO-Comunidades e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Regional do Cariri (PPGL-URCA). Atualmente é Diretor do Campus Professor Possidônio Queiroz.

**Docência em Literatura: da reflexão teórica desinteressada  
ao beco sem saída da militância**



## Docência em Literatura: da reflexão teórica desinteressada ao beco sem saída da militância

Cada profissional de Letras apropria-se, ao longo de sua formação, de um conjunto de teorias, reflexões, metodologias que definem seu campo de atuação, seja na área de Literatura seja na área de Linguística, nas linguagens, na prática docente. Ainda durante a graduação, a partir de uma grade curricular cuidadosamente pensada para uma formação abrangente que passa pelas Teorias Linguísticas, História da Língua Portuguesa, Teorias Literárias e vários componentes curriculares voltados para a análise crítica e conhecimento dos procedimentos de compreensão dos mecanismos das linguagens, sejam elas pragmáticas ou estéticas, o/a estudante de Letras vê-se mergulhado/a em inúmeras possibilidades de estudo, pesquisa e reflexão.

Mas é também durante a graduação que mergulhamos num conjunto de percepções das mais diversas realidades que o mundo ocidental, capitalista, branco, patriarcal, heteronormativo, opressor, colonial produz cotidianamente há séculos em nosso país, na América Latina, no “sul global”. É claro que tal conjunto de percepções e realidades são sentidas e discutidas em todas as Ciências Humanas e Sociais, assim como na área de Letras,

Linguística e Artes. Entretanto, cada um sente tais realidades de uma maneira, de um lugar. Há quem defenda uma postura “isenta” e “científica” diante das realidades a partir da reflexão teórica “desinteressada”, “impessoal”, “afastada” e “crítica”. Há quem defenda uma postura corresponsável, crítica e com potencial transformador de tais realidades. Diante disso, perguntamos-nos: como a Literatura, enquanto área de conhecimento, pode tender a uma ou outra postura e como pensar o futuro da docência em literatura a partir dessa reflexão primeira?

A República de Platão, livros II e III, o mito da caverna, o livro X; A Poética de Aristóteles, mimesis, hamartia, catarse, modo, meio, objeto; A Carta aos Pisões de Horácio, deleitar e instruir; A Idade Média; O Renascimento; Ludovico Castelvetro; Gôngora e Quevedo; Teatro Neoclássico francês; A arte nova de Lope de Vega; Dom Quixote; Rabelais; A Divina Comédia, de Dante; O teatro de Shakespeare; A cláusula dos estados; O tal Arcadismo; o Romantismo; O romance inglês; Realismo, Naturalismo, Simbolismo, Decadentismo, Parnasianismo e mais quantos ismos ainda existem por aí. As contribuições de Kant, Hegel, Marx,

Freud, Jung, Lacan, Gramsci, Foucault, Derrida, Genette, Saussure, Bakhtin, Voloshinov, Medvedev e vários outros. O que há em comum entre todos esses nomes, épocas, expressões é que em algum momento o profissional da área de Literatura precisou estudar algo sobre. Outra coisa é que tudo e todos são europeus. E é justamente com os europeus que aprendemos a impessoalidade do estudo científico, mesmo em Literatura. A necessidade da isenção, do afastamento.

Alguns desses teóricos, como Bakhtin, por exemplo, mesmo ao defenderem o ato responsivo e responsável, entendem que há uma separação entre o mundo da vida e o mundo da cultura. A pesquisa científica está no mundo da cultura de modo irreconciliável com o mundo da vida. De alguma maneira, mesmo com reflexões profundas sobre a natureza do discurso e da linguagem, alguns teóricos europeus continuam “afastados” do objeto de estudo. Mesmo que talvez haja uma ou outra exceção há uma marca indelével que permanece impossível de ser alterada: eles continuam sendo europeus. Entendemos também que o fato de os europeus serem amplamente estudados na América Latina e terem as suas teorias refletidas

e analisadas em detalhe por vários grupos e centros de pesquisa talvez indique mais uma postura insistentemente colonial de nossas universidades e cursos de Letras do que uma “vontade” dos europeus. O fato é que, enquanto passamos a nossa graduação absorvendo teorias mal adaptadas à América Latina, não conseguimos explicar exatamente as nossas realidades. Resta seguir o que Caetano Veloso escreveu: “Se você tem uma ideia incrível, é melhor fazer uma canção. Está provado que só é possível filosofar em alemão”. Mas não precisamos apenas cantar ou compor canções. Podemos filosofar em nossa língua sim.

A questão que se impõe diante de nós, docentes de literatura, é que mesmo quando tentamos às vezes produzir uma reflexão impessoal (como eu tentei fazer no início desta coluna) acabamos sentindo a necessidade de definir uma posição clara diante do estado de coisas e das realidades que foram e estão sendo construídas historicamente também na área de Literatura, na área da docência, dentro e/ou fora da universidade. É neste sentido que as teorias da decolonialidade sugerem uma virada epistemológica. Isso ocorreu primeiro nas ciências sociais e cada vez mais na ciência da literatura. Pensar a literatura a partir de uma nova epistemologia não significa, a ferro e a fogo, rasgar os compêndios europeus. Significa, assim acredito, olharmos muito mais para a nossa literatura,

o fenômeno literário ele mesmo do que para as teorias já consolidadas sobre ele. Sabemos, por exemplo, que o romance é uma forma aberta e em constante transformação.

Sabemos que as narrativas orais dos povos tradicionais latinoamericanos constituem-se como formas simples ou gêneros primários e formas complexas ou secundárias ao mesmo tempo, pois que os corpos daqueles e daquelas que narram são a própria forma da narrativa. Podemos reescrever a História da Literatura latinoamericana sem o paradigma universalista e linear das formas europeias, sem o cânone imposto por visões maniqueístas de um tipo de estética formulada a partir de um belo eurocêntrico. Nós, professores e professoras de Literatura, estamos num beco sem saída: a fortuna teórico-crítica do nosso objeto de estudo, reflexão e prática é evada de discursos e ideologias eurocentradas, heteronormativas, valores morais esdrúxulos, capitalistas, brancos etc. e precisamos imediatamente alterar esta fortuna produzindo conhecimento de forma dialogada, co-participativa, responsável. Não temos como e não podemos escapar da militância. Principalmente quando as realidades, matérias-primas do fenômeno literário, estão em mais um sem número de crises provocadas pelo “progresso” e pela “ordem” que nos oprime e mata há séculos.



## Gisvaldo Oliveira da Silva

Mestre em História do Brasil pela UFPI. Professor do Curso de História da UESPI, Campus Dra. Josefina Demes. Membro do Núcleo de Pesquisa e Estudo em História, Territorialidades e Movimentos Sociais (UESPI). Desenvolve pesquisas sobre as seguintes temáticas: movimentos sociais; trabalho e classe trabalhadora; conflitos e luta pela terra

## História Oral e Memória: aproximações e possibilidades no fazer historiográfico



## História Oral e Memória: aproximações e possibilidades no fazer historiográfico

**F**rente à formulação de problemas, métodos e abordagens no campo da pesquisa histórica, defrontamo-nos com o desafio de lidar com uma multiplicidade de fontes, a partir das quais produzimos análises sobre objetos diversos. Quando se trata de uma abordagem que prioriza o processo de constituição de atores coletivos, o desafio torna-se ainda maior, pois implica em um estudo das experiências desenvolvidas pelos sujeitos e de suas relações com as estruturas sociais.

É nesse contexto que se verifica a importância da história oral, reivindicada por diversos historiadores como método essencial para o estudo da experiência social de pessoas e de grupos. Com origem no contexto dos movimentos de contestação radical dos anos 1960 e 1970, a história oral atua em contraposição a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais, ocupando papel de destaque no debate contemporâneo sobre a função social do conhecimento.

Tendo como pressuposto uma percepção do passado como processo histórico não acabado, essa metodologia confere um sentido social à vida de depoentes e leitores, permitindo que compre-

endam e se sintam parte do contexto histórico em que estão inseridos. Por isso, é reconhecida como uma história viva, capaz de promover análises de processos sociais, facilitando o entendimento da experiência humana em suas múltiplas dimensões.

Por outro lado, a história oral se fundamenta no direito de participação social, estando vinculada ao direito de cidadania. Nesse caso, o papel inovador da história oral está na valorização da fala de grupos, antes silenciados pela história oficial, e que passam a ter suas histórias reconhecidas. Ela se apresenta, então, como fator significativo para o exercício da democracia e do conhecimento.

Verena Alberti, ao comentar sobre algumas das especificidades da história oral, afirma que a principal característica desta metodologia consiste em privilegiar “a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. Assim, a história oral se inscreve em uma reflexão ampla, que se apoia na necessidade de preencher espaços capazes de pensar a vida social por meio da ação humana na história, em especial das pessoas comuns, muitas vezes desconsideradas por uma história factualista.

Ao discorrer sobre o uso das fontes orais, Alessandro Portelli explica que estas “não são achados do historiador, mas construídas em sua presença, com sua direta e determinante participação”. Portanto, trata-se de uma fonte relacional, cuja comunicação se expressa através de troca de olhar.

Outro aspecto relevante na abordagem de Portelli diz respeito ao papel da igualdade e da diferença no campo da pesquisa histórica. Partindo do pressuposto de que os dois conceitos se relacionam, o autor sugere que o reconhecimento do outro implica no questionamento e redefinição da própria identidade do historiador, favorecendo assim, um novo relacionamento entre o pesquisador e o “informante”.

Nos debates sobre a produção de fontes orais a memória tem sido um dos temas mais recorrentes na atualidade. Em qualquer área das ciências humanas, ou mesmo na fala de pessoas comuns, a memória tem forçado diferentes setores a se posicionar quanto às alternativas que ela traz para o estudo da vida em sociedade.

No mundo contemporâneo, muito se tem escrito

e discutido sobre as relações entre história e memória, especialmente em termos de diferenciações entre as duas partes. Nesse sentido, podemos afirmar que “Memória e História são processos sociais, são construções dos próprios homens – que têm como referências as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade”.

Podemos dizer que a memória se constitui como fonte informativa para a história e, ao mesmo tempo, como fundamento da identidade através de um processo dinâmico e dialético, permeado por marcas do passado, indagações e necessidades do tempo presente. Identidade que em seus aspectos individuais, apresenta uma dimensão coletiva, isto é, que considera o ser humano como protagonista do processo de construção da história.

Cabe ressaltar que a história oral mantém um vínculo importante com a questão da memória e vice-versa. Principal fonte informativa da história oral, a memória apresenta potencialidades que enriquecem o processo de análise e de reconstrução de variáveis constitutivas da pesquisa histórica, tais como reativação de emoções políticas, individuais, coletivas e rememoração de convivências e conflitos ocorridos no decorrer da história.

No tocante a apreensão das relações entre memória e história os estudos realizados por Maurice Halbwachs con-

tribuíram de forma significativa para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Sobre esta relação, o autor enfatiza que “não é na história aprendida, é na história vivida que se apoia nossa memória”. Na perspectiva abordada por Halbwachs a memória é construída socialmente. O ato de lembrar é individual, mas é na interação com a sociedade, seus grupos e instituições que construímos nossas lembranças. Desse modo, ao evocarmos nosso próprio passado, recorreremos às lembranças dos outros, ou seja, buscamos como suporte pontos de referência externos, fixados pelos diferentes grupos com os quais nos relacionamos.

Em suma, por meio das potencialidades da história oral e da função social da memória, torna-se possível o estudo da vida social daqueles que são esquecidos, menosprezados ou ofuscados pela historiografia oficial.



**COLUNISTA UESPI: ENSAIOS E ARTIGOS DE OPINIÃO**

